

# Os desafios teórico-metodológicos da abordagem da cultura popular no ensino de arte na educação básica

Los desafíos teóricos y metodológicos de la cultura popular en el arte educación en la escuela básica

The theoretical and methodological challenges of popular culture in art education in basic education

**Edite Colares O. Marques**

editecolares@yahoo.com.br

**Tipo de artigo:** Original

## RESUMO

O presente artigo discute a inserção das festas tradicionais no ensino de arte, destacando os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa de pós-doutorado que busca articular as *interfaces* das práticas culturais populares encontradas em Fortaleza-BR e Porto-PT, com a finalidade de que, ao identificar traços análogos, contribua para fundamentar a compreensão de suas matrizes culturais, influências mútuas e a descoberta de um contato histórico e dialético, fenômeno que está prenhe de contradições e sujeito a transformações próprias do tempo no qual está inserido. Como forma de análise empírica visualizou-se as festas joaninas dentro da perspectiva de compreendê-las no quadro das manifestações da cultura popular de maior relevo nas cidades do Porto e de Fortaleza articulando-a ao contexto do ensino de arte na escola básica. Como resultado do perfil encontrado na referida festa popular tradicional faz-se uma reflexão sobre o conceito de identidade cultural apoiando-se em autores como: Hall, Woodward, Silva, Boas, Ortiz, dentre outros.

**Palavras-chave:** Arte; Educação; Cultura Popular.

## RESUMEN

Este artículo aborda la integración de fiestas tradicionales en educación artística, destacando aspectos teórico-metodológicos de una investigación que busca articular las prácticas culturales populares interfaces en Fortaleza-BR y Porto-PT, a fin de que, mediante la identificación de rastros similares, contribuir para apoyar la comprensión de sus matrices culturales, las influencias mutuas y el descubrimiento de un dialéctico e histórico contacto, fenómeno que está lleno de contradicciones y sujeto a las transformaciones de la época en la que se inserta. Como una forma de análisis empírico se visualizó las fiestas joaninas dentro de la perspectiva de entenderlas en el contexto de las manifestaciones de la cultura popular más relevante en las ciudades de Porto y Fortaleza y la articulación con

el contexto de la educación artística en la escuela primaria. Como resultado del perfil de esta tradicional fiesta popular hemos por fin una reflexión sobre el concepto de identidad cultural apoyándose en autores como: Hall, Woodward, Silva, Boas, Ortiz, entre otros.

**Palabras-clave:** Art; Education; Cultura Popular.

#### ABSTRACT

This article discusses the integration of traditional holidays in art education, highlighting theoretical-methodological aspects of the postdoctoral trying articulate the cultural practices popular interfaces found in Fortaleza-BR and Porto-PT, in order that, by identifying similar traits, contributes to support the understanding of their cultural matrices, mutual influences and the discovery of a dialectical and historical contact, phenomenon that is full of contradictions and subject to transformations of the time in which it is inserted. As a form of empirical analysis visualized the joaninas holiday inside the perspective to understand them in the context of manifestations of popular culture more relevant in the cities of Porto and Fortaleza articulating it to the context of the art education in elementary school. As a result of the profile found in the said traditional popular holidays makes a reflection about the concept of cultural identity supporting by authors as: Hall, Woodward, Boas, Silva, Ortiz and others.

**Keywords:** Art; Education; Popular Culture.

## INTRODUÇÃO

A discussão que apresentamos se nos impôs quando nos defrontamos com a reflexão resultante da pesquisa de campo, realizada ao abordarmos a questão da cultura popular e sua inserção no ensino fundamental. Tal problemática tem se mostrado assente na proposição metodológica que toma as práticas culturais de populações que se situam em realidade histórica e social, nas quais o popular e o tradicional são negados em seu valor de conhecimento acadêmico e escolar, buscando reconhecer-lhes, então, o estatuto de saber pertinente aos fundamentos de um ensino escolar de arte que esteja carregado de sentido e significado.

Os primeiros achados da investigação levaram ao aprofundamento dos estudos sobre a metodologia adequada à pesquisa em foco. Ao visualizar as festas populares como *lócus* privilegiado do popular e do tradicional em sua manifestação mais imbuída da vida comunitária envolto em momentos de celebração, reunião e aprendizagens coletivas, optamos por este elemento como enunciado indispensável a um ensino de arte que se responsabilize por levar às gerações atuais, uma iniciação ao patrimônio cultural e, às vindouras, uma possibilidade de educação carregada da produção coletiva da arte da humanidade em geral e de cada lugar em especial.

Reconhecendo o popular tradicional como momento de constituição da cultura de uma determinada população e como ação-cultural comum a diversos povos, imaginamos articular as raízes das referidas práticas, encontradas em Fortaleza-Ceará e em Porto-Portugal, com a finalidade de observar traços culturais análogos, pressupondo que contribuamos com um olhar mais apurado sobre suas origens e como tais práticas se afirmaram em distintas culturas.

Encarando, desta maneira, encontraremos convergências em distintos métodos de pesquisa, ou seja, ao projetar esta investigação pensamos em metodologia comparativa, mas ao nos posicionarmos frente aos dados encontrados demo-nos conta da impossibilidade de alcançarmos as raízes mais profundas das relações, que se

trava em tal fenômeno social em um conjunto que articula aspectos das interações travadas entre os sujeitos das práticas festivas em diferentes contextos, os procedimentos de transmissão cultural, a renovação e manutenção das tradições, para mencionar apenas reduzidos aspectos da grandeza deste fato formativo da cultura de uma comunidade, impossíveis de ser abordados apenas com base nas generalizações próprias ao método comparativo.

Assim, como nos ensina Frans Boas, em sua *Antropologia Cultural*: “Em suma, antes de se tecerem comparações mais amplas, é preciso comprovar a comparabilidade do material”. (Boas, 2004, p. 32).

O objetivo de nossa investigação é descobrir os processos pelos quais as festas populares com seus ritos se desenvolveram, e as conexões que guardam com a educação dos mais jovens. Acreditando, com Boas, que “(...) quando se pode comprovar que há uma conexão histórica entre dois fenômenos, estes não devem ser aceitos como evidências independentes” (Boas, 2004, p. 33).

Compreendemos que mesmo ao identificar uma mesma matriz cultural, bem como as influências recíprocas e o contato histórico entre Portugal e Brasil nossa reflexão deve-se pautar por uma fundamentação histórica e dialética pela qual todo fenômeno está sujeito a contradições e transformações próprias do tempo histórico no qual está inserido.

Valemo-nos da convicção de que a ação do sujeito é fruto em grande parte das aprendizagens do meio no qual está imerso, e dos quais a própria escola é parte integrante, e por meio de suas atividades influencia o modo de ser e pensar do educando. Novamente chamamos Boas para reforçar a ideia de que, “(...) o método que estamos tentando desenvolver baseia-se num estudo das mudanças dinâmicas da sociedade que podem ser observadas no tempo presente” (Boas, 2004, p. 47)

É flagrante, então, que este não se restringe a um estudo comparativo, mas compõe-se também de um estudo etnológico que colocará à disposição um material descritivo e analítico das formas culturais festivas que deitam raízes em um passado remoto e que ainda hoje se constituem em

práticas culturais vivenciadas e transformadas com a reação dos indivíduos à cultura na qual vivem e às influências das mesmas sobre a sociedade e a educação da sensibilidade.

O estatuto epistemológico desta pesquisa encontra assim desafios que colocam em xeque sua validade enquanto ciência da educação. Em outras palavras, preocupa-nos não a cultura popular tradicional como um receituário para práticas pedagógicas bem intencionadas, mas reconhecer as manifestações festivas como rituais que acompanham a humanidade desde a mais remota antiguidade incluída como parte indispensável à formação sensível e humanística de nossos estudantes.

Lançar mão dos variados recursos metodológicos de pesquisa qualitativa tornou-se, assim, um imperativo, digamos categórico. Voltamos nosso olhar para percursos traçados na antropologia com à metodologia etnológica, de onde pensamos em organizar uma recolha de práticas das festas populares de Fortaleza e do Porto e, para tal, nos utilizamos de meios variados como a fotografia, a filmagem e a visita a espaços onde tais manifestações se fazem presentes (praças, parques e praias) e o lugar privilegiado da educação (a escola) onde a festa demonstrou-se ainda ausente ou distante, até a recursos do método biográfico, quando ao entrevistar o professor procuramos identificar as ligações que o mesmo estabelece entre suas próprias vivências culturais e aquelas que realiza em sua prática docente.

Ficaria ao leitor, com certeza, uma dúvida sobre os possíveis choques que a utilização de metodologias distintas poderia causar ao resultado desta pesquisa, indagação a qual nos antecipamos em responder afirmando que tal embaraço foi superado na medida em que as metodologias empregadas confluem ao conceberem uma perspectiva de pesquisa social que não restringe o objeto de conhecimento aos grandes acontecimentos, a história das elites, “(...) mas também a história enquanto memória coletiva do cotidiano (...)” (Ferrarotti, 2013, p. 41)

Dessa maneira, as análises aqui foram elaboradas graças a uma grande variedade de instrumentos de coleta de dados, sejam eles oriundos do acesso primário como na entrevista, que exige do pesquisador o cuidado de exercer

a máxima isenção, motivando o entrevistado à participação sem, contudo, influenciar suas colocações, ou utilizando materiais secundários como recortes de jornal, com reportagens pertinentes ao tema com o qual se estabelece um diálogo com outros interlocutores.

Ao falarmos em método de pesquisa é importante dizer que mesmo buscando fundamento em metodologias distintas de investigação dos fenômenos, tais metodologias tem uma mesma concepção teórica: histórico-crítica e dialética, vendo o sujeito como resultado das relações socioeconômicas e culturais das quais participa cotidianamente, mas entendemos que ao mesmo tempo em que sofre a ação da história, através do processo de conscientização, deve procurar entender suas causas, desvelando as relações e conexões causais que as fazem ser assim hoje, e reconhecer as possibilidades de transformação destas mesmas relações em suas causas e efeitos.

Nossa tarefa primordial deve ser delimitar claramente o objeto de estudo da pesquisa em questão, determinar a ordem dos fatos que a compõe para só aí poder procurar identificar caracteres comuns entre contextos suficientemente próximos em suas práticas sociais e educativas. Ou seja, inicialmente, agruparemos situações sobre a mesma denominação, “festejos populares”, nas duas comunidades pesquisadas, a fim de apresentar ao leitor um conjunto de fatos sociais capazes de identificar ou distinguir este fenômeno, enquanto processo de formação da sensibilidade e da sociabilidade em contextos educativos.

Só após a descrição de festejos populares em Fortaleza e no Porto é que trataremos de categorias de análises nas quais ambas as situações se identificam ou não, para na sequência projetar possíveis viabilidades destas festividades em contextos educativos nos quais as mesmas possam contribuir de maneira decisiva para o fortalecimento do ensino de arte nas séries iniciais do ensino fundamental.

Propomos, assim que a arte-educação deva ser trabalhada em contexto escolar, com o propósito de dar sentido às experiências estéticas de professores e alunos, ampliando suas percepções quanto à riqueza cultural das manifestações artístico-populares nacionais, no Brasil e em Portugal; ou seja, verificar se faz sentido a recorrência às

artes tradicionais num projeto formativo que, ao identificar o tempo destinado a este conteúdo de caráter tradicional nos currículos escolares nos dois países e a forma como é ensinado, fomenta a interação de saberes e práticas para um ensino de artes mais criativo e enriquecedor à formação de professores e alunos.

Outro aspecto de grande relevância para a escolha da temática, festejos populares no ensino de arte, para a realização da presente pesquisa deveu-se à crença de que ao revestirem-se de padrões multiformes das linguagens artísticas tornam-se portadores de uma pluralidade cultural, ainda mais quando comparamos o encontrado em Fortaleza com o Porto, estratégia escolhida para fundamentação metodológica dessa investigação.

Compreendemos que as expressões culturais locais, ao mesmo tempo em que, identificam e dão sentido ao particular, projetam-se e articulam-se ao universal desde que captamos seus aspectos em comum e suas diversidades. Existe, assim, nesta variedade de manifestações, características estético-funcionais não só de identidade local (nacional), mas representativo do envolvimento espontâneo e social, bem como da dimensão dialógica que confere à arte uma função de práxis que a mesma significa. Ou usando das palavras de Elder Pacheco em *Arte e Tradições em Barcelos*: “Um dos fatores salientes nas artes populares é o da concepção estética como uma função socialmente actuante - os objetos intervêm na vida quotidiana das pessoas.” (Pacheco, 1979, p. 18)

Consideramos que situada histórica e socialmente, a arte popular constitui-se evidentemente numa perspectiva universal, pela ação transformadora que a mesma desempenha, não só por seu aspecto formal, mas na medida em que exprime a manifestação cultural da classe trabalhadora afirmando-se como consciência de classe e sua condição de produtora de cultura e possibilidade de intervenção criativa no real. Desta maneira, a cultura popular exprime-se como uma arte viva porque é essencialmente útil e funcional já que serve ao homem que a produz.

Procuramos, com esta investigação, ao questionar o modelo hegemônico de prática escolar constituída como

*locus* de acesso ao saber erudito, reafirmar, como o fez Paulo Freire, que o saber escolar não pode prescindir do universo cultural do educando e, ao mesmo tempo, afirmar a existência de uma cultura popular, reconhecendo sua singularidade e validade no ambiente educacional.

Como Helder Pacheco, em *Tradições Populares do Porto* “(...) defendemos, sobretudo, que o reencontro vital com a herança popular significa a subversão necessária à passividade criativa em que mergulhamos.” (Pacheco, 1985, p.14)

Dentro da proposta deste trabalho adotaremos, de aqui em diante, o seguinte roteiro: relataremos festejos populares de São João em Porto/PT, e faremos algumas reflexões sobre tais manifestações e sua dimensão educativa, seja no ambiente escolar ou comunitário. É evidente que os estudos realizados das obras de diversos autores, aqui mencionados, são o pano de fundo sobre o qual vamos compondo esta colcha de retalhos que ora expomos.

## FESTAS JOANINAS

No Porto e em Fortaleza, os festejos joaninos são considerados pela população em geral o mais tradicional e são ansiosamente esperados. Nesta festa, a cidade do Porto vê radicado o momento de celebração da vida comunitária, e as ruas da cidade são tomadas por todos. É uma noite, 23 de junho, na qual se mantém vigília, pois o foguetório não deixa a cidade dormir. Assim, tal manifestação mantém ainda hoje práticas que estão enraizadas no passado como fruição coletiva de uma ação cultural que alimenta a identidade e o patrimônio cultural desse povo. Em Fortaleza não ocorre mais a mesma participação comunitária e sim em espaços mais fechados e privados

Mas, ao contrário do que a maioria das pessoas possa pensar, os fundamentos de tal prática popular têm origem naturalística, como afirma Coelho: “(...) os costumes populares têm suas raízes nos velhos cultos naturalísticos.” (Coelho, 1993, p. 274) Dessa maneira, práticas como acender fogueira, que no ano de 2013 ainda se pode assistir, nas

comemorações a São João, bem como o costume de saltar fogueiras remontam à crença ancestral de que assim se obtém influências benéficas sobre a saúde e se afastam malefícios.

Assim, na noite de São João, as pessoas ficam fora de casa até a madrugada, segundo Coelho: "(...) a fim de apanhar as orvalhadas, isto é, o orvalho sagrado desta noite que dá vida para longos anos (...)" (Coelho, 1993, p. 311). Isso faz parte desse conjunto de tradições que se perde nas brumas do tempo e dá sentido à vida.

É essencial perceber que as festas, ditas hoje religiosas, têm origem nas manifestações relativas ao vínculo do homem à natureza, como no caso das festas joaninas fica patente a relação com o solstício de verão, pois que nas chamas da fogueira evidencia-se a íntima relação que estabelecem com o símbolo de origem representativo do sol, já presente nos cultos pagãos.

O período joanino no Porto é muito rico em manifestações do universo tradicional. Ao passar pelas ruas encontram-se nas calçadas muitas pessoas vendendo manjericos em pequenos jarrinhos. É uma planta que tem uma forma arredondada e um suave odor, mas é de conhecimento geral que não se deve cheirá-la diretamente e sim colocar as mãos nas folhas para então aspirar-lhe o perfume através da pele das mãos. São acompanhados de uma plaquinha que vem ficada na terra com uma quadra em homenagem a São João. Como exemplo, podemos citar a seguinte:

*Anda o povo contente  
Com o manjerico na mão  
É uma imensa alegria  
Na noite de São João*

Também, andando pelas ruas, é comum encontrar montas que ficam nas vitrines das lojas e são miniaturas da procissão a São João.

Na véspera de São João, a cidade do Porto engalana-se toda e espera-se ansiosamente o ponto alto da festa que são os fogos de artifício. À meia-noite dá-se o foguetório na ribeira e parece que toda cidade vem assisti-lo. São inúmeras pessoas caminhando pela ribeira e trazem à mão

alho-porro ou martelinhos de plásticos para baterem nas cabeças uns dos outros. (Hoje, os martelinhos substituem quase na totalidade os ramos de alho-porro e arruda, que eram usados tipicamente para abençoar ou livrar do mal as pessoas como que para abençoá-las). Caminham de um lado para o outro e muitas churrasqueiras são postas às ruas para assar sardinhas que também fazem parte da tradição. Em muitos lugares da cidade as pessoas montam caixas de som e ouvem música e dançam em grupos de amigos. Também são montados palcos em pontos estratégicos da cidade onde se apresentam artistas locais, bem como dançam em muitos pontos da cidade ao som de conjuntos musicais.

Ao mesmo festejo a cidade de Fortaleza já se manifesta de forma privada, pois além de não mais envolver toda a cidade numa comemoração coletiva, mas em redutos restritos a grupos fechados, também suas quadrilhas, danças tradicionais deste período, correspondem hoje a um grande investimento turístico e comercial, para aqueles que participam, visto que se transformou em festivais competitivos e não mais em espaços e tempos de convivência desinteressada.

## UMA REFLEXÃO INICIAL SOBRE A IDENTIDADE CULTURAL

Qual a importância de se aprofundar o conceito de identidade cultural nesse trabalho? Quando abordamos "identidade cultural" já delimitamos aí um quadro de perspectiva histórico e socialmente definido, ou seja, pretendemos nos remeter a um conjunto de condicionantes de ordem histórica e não a um essencialismo biológico ao qual o termo também pode remeter. Assim, nessa perspectiva, a identidade vincula-se às condições simbólicas marcadas pelas práticas e relações sociais de um dado grupo que lhe confere sentido e os diferencia de outros.

É necessário fazer, preliminarmente, a configuração de qual identidade estamos falando uma vez que o referido conceito é, como nos afirma Hall, "(...) demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova." (Hall, 2011, p. 8)

Como se dá em outros estudos da área, não pretendemos, estabelecer, aqui, afirmações conclusivas, mas tão somente contribuir para o debate sobre identidade cultural, apresentando elementos que foram elucidados no momento da pesquisa sobre as manifestações artístico-populares em Porto - Portugal e Fortaleza – Ceará no exato momento em que tais práticas, para muitos, encontram-se em decadência, mas para a pesquisadora são marcadores significativos de identidade cultural e representam para as comunidades envolvidas fortes momentos simbólicos para a vida coletiva.

É por meio dos significados engendrados pelas práticas sociais das quais participamos que damos sentidos a nossas vidas e vamo-nos tornando aquilo que somos. A vivência cultural dá contornos à nossa identidade na medida em que dando sentido às experiências coletivas torna possível optarmos entre as várias identidades possíveis. Desta maneira, é correto afirmar que uma identidade se constrói à medida que somos expostos a crenças, ritos, práticas sociais que pela repetição são reforçadas como pertinentes ou não.

Compreendemos então que a identidade cultural pode ser um processo de escolha ou de falta de escolha. Uma vez que, se a comunidade local se abster de apresentar às novas gerações práticas próprias do lugar de onde o jovem olha o restante do mundo, fornecendo aos mesmos as referências capazes de identificá-lo à cultura local, a homogeneidade cultural promovida pela sociedade de mercado e de consumo o distanciará de tudo o que representa seus pares e familiares, aqueles que partilham o mesmo modo de ser e estar no mundo.

É óbvio que esta identidade cultural a que nos referimos não é algo estático, mas constituída frente as mais diversas influências e num mundo globalizado são plurais e diversificadas as influências. Para Kathryn Woodward, em *Identidade e Diferença*: “A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local.” (Woodward, 2012, p. 21)

Muitas são as formas de classificação que a identidade cultural recebe como: pluralidade, diversidade

ou identidade em crise, todas frutos dos processos de mobilidade das mais variadas formas, seja pela migração, colonização ou fluidez dos meios de comunicação de massa. Porém, o sujeito fala a partir de uma dada situação histórica, social e cultural específica.

Nessa perspectiva social e educativa percebemos a identidade como uma necessidade do sujeito cognoscente de articular espaços interiores e exteriores, ou seja, entre o pessoal e o social. O indivíduo em formação estabelece para si e para o outro uma imagem com a qual se projeta no mundo e se constrói como parte de uma determinada comunidade.

Mesmo ao constatar que hoje este perfil construído pelo sujeito, sob diversas influências, é cada vez mais impactado pelas informações das mídias sobre os eventos sociais distantes, que se tornam, pela insistência dos meios de comunicação de massa, muitas vezes mais presentes do que os eventos da cultura local, acreditamos que a referência das contextualidades locais é indispensável a uma estabilização do sujeito quanto ao lugar que ocupa no universo social e cultural.

É visível que, com as mudanças produzidas pela “modernidade tardia”, os sistemas de significação multiplicam-se confrontando-nos com um número alucinante de informações e, como resultado, temos que mesmo as manifestações pertinentes às culturas locais veem-se invadidas por produtos massificadores de uma indústria cultural que descaracteriza em proveito próprio, de maneira desconcertante, os signos dos eventos sociais locais.

É certo que os interesses da indústria cultural estão distantes do interesse das populações das aldeias ou periferias das cidades do Porto ou de Fortaleza, como de tantas outras espalhadas pelo mundo afora. Quando uma comunidade leva seus jovens a participar de ranchos típicos ou grupos etnográficos, seus objetivos são diametralmente opostos ao de uma empresa fonográfica ao levar para milhões de lares a música mais recente gravada por ela. Aquele promove uma vivência cultural enraizada na vida de uma comunidade que celebra juntos a partilha do

quotidiano, a fertilidade da terra ou outros elementos da vida coletiva, enquanto uma gravadora vende um produto desenraizado capaz de agradar a todos exatamente pela banalidade ou alto teor de vulgaridade do seu produto.

Como está amplamente visualizado em teorias sobre a identidade, este conceito surge no bojo das transformações sociais ocorridas desde a década de 60 do século passado em movimentos sociais que se opunham, segundo Hall, "(...) tanto à política liberal capitalista do Ocidente quanto à política estalinista do Oriente." (Hall, 2004, p. 44) Assim surge o que veio a ser conhecido como política da identidade, uma identidade para cada movimento social, onde o *peçoal é político* e o que está em destaque é a humanidade.

Por outro lado, o conceito de globalização amplamente usado no campo da cultura é na verdade originado no âmbito da economia uma vez que buscava a internalização dos mercados, facilitando as trocas de produtos aliados a multinacionalização de empresas que passam a operar em mercados internacionais.

Constatamos assim que a apologia à globalização da cultura, que anda hoje tão presente no discurso corrente pelo qual não há interesse da juventude sobre a cultura local, mas antes uma ânsia por conhecer o externo, o mundialmente difundido, é uma resposta aos apelos da sociedade de mercado que ao fortalecer uma cultura homogeneizada vende seus objetos em maior escala.

Em suma, existe uma vasta gama de posições acerca do conceito de identidade ligadas às noções de etnia, nação, gênero, espaços geográficos ou contextos históricos, mas interessa-nos aqui argumentar que diante do fenômeno educativo as questões relativas à identidade não nos podem passar despercebidas e que a opção que defendemos é a de que a escola enquanto partícipe de uma determinada comunidade busque "(...) recuperar a "verdade" sobre seu passado na unicidade de uma história e de uma cultura partilhadas que poderiam, então, ser representadas, por exemplo, em uma forma cultural como o filme, para reforçar e reafirmar a identidade (...)" (Woodward, 2012, p. 28).

O que nos parece claro é que mesmo as identidades nacionais vêm se desmistificando enquanto unidade, já que o hibridismo das populações é uma realidade incontestável em todos os países. O que faz-nos conscientes de que a identidade nacional hegemônica é representante de uma classe que detém o poder e que impõe sua versão da história e uma representação da nação que não pode ser identificada a todos. Assim, argumentamos que é válido em contexto educativo reforçar as identidades locais como forma de resistência à homogeneização provocada pela globalização.

Concordamos, então, com Hall ao constatar que:

As identidades nacionais permanecem fortes, especialmente com respeito a coisas como direitos legais e de cidadania, mas as identidades locais, regionais e comunitárias têm se tornado mais importantes. Colocadas acima do nível da cultura nacional, as identificações "globais" começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar, as identidades nacionais. (Hall, 2011, p. 73)

Uma cultura mundializada, portanto, não exige a extinção das manifestações culturais locais, mas ao contrário se alimenta delas e coabita na medida em que estas diversidades possam ser transformadas em produtos comercializáveis pela indústria cultural.

Em nossa pesquisa um bom exemplo deste fenômeno é facilmente percebido quando nos deparamos com o uso na cidade do Porto de martelinhos plásticos que vieram, na noite de São João, a substituir os antigos alhos que eram tocados nas cabeças dos transeuntes como forma de oferecer bons fluidos e de espantar o mal em nome de São João. Hoje quase ninguém mais se lembra do que representa este ato como forma simbólica na qual se procede a uma espécie de benção. Ou seja, à indústria importa vender martelos plásticos e a população perde aos poucos os elos com esta tradição.

O que viemos argumentando desde o princípio deste estudo pode parecer utópico demais, mas realmente agimos no campo da utopia, não como algo, idílico ou ilusório, mas como um *povir*, um *vir a ser*, aliás, muito apropriado quando refletimos no campo da identidade que também se constrói dia a dia. Como nos lembra Kathryn Woodward “(...)ao ver a identidade como uma questão de tornar-se” (Woodward, 2012, p. 29). Estamos conscientes da desproporcionalidade que representa nos opormos ao processo de desenraizamento provocado pelos grandes conglomerados econômicos mundiais, mas não resta outra opção aos educadores que pensam em formar jovens mais conscientes.

É evidente que, como afirma Ortiz, “tanto a escola como as tradições populares têm um âmbito de atuação restrito ao domínio regional ou nacional.” (Ortiz, 2000, p. 165) mas temos clareza também que o mundo é um espaço no qual se confrontam diferentes concepções e ideários humanos e cabe à escola como instituição voltada para o interesse comum, mesmo que numa luta desigual, travar este combate a bem do desenvolvimento de uma mentalidade a favor da liberdade e da democracia.

A própria categoria identidade se constrói a partir das diferenças e das simbologias e rituais que se opta como formas elementares pelas quais os sentimentos sociais têm existência. Assim, identidade e diferença resultam de relações sociais de poder que, quer queiramos ou não, povoam o espaço educativo através do processo de produção simbólica e discursiva onde se afirmam identidades que traduzem os desejos e *modus vivendi* de diferentes grupos que se encontram, assimetricamente, situados em relação ao acesso aos bens culturais criados, desenvolvidos e produzidos pela humanidade para toda humanidade e não para o lucro e benefício de poucos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fundamento da expressão artística na escola deve ser a cultura local em articulação à cultura universal. Assim conhecer o universo local ampliando-o para uma

compreensão “global” é o passo metodológico necessário aos dias de hoje em matéria de ensino de arte.

Neste momento nos preocupamos com o campo das manifestações tradicionais como indispensável à formação do indivíduo, não dizemos com isso que a cultura geral da humanidade não seja direito de todos. Reafirmamos que o patrimônio cultural da humanidade nos pertence, a todos, que de uma maneira ou de outra contribuimos para sua construção.

Conhecer, respeitar, interagir com diferentes culturas é fundamental, bem como a História Geral da Humanidade ou da Ciências Naturais, mas como efeito de recorte teórico e metodológico escolhemos destacar o tradicional e o popular na educação em arte.

Continuamos a afirmar que em arte podemos partir das manifestações populares para os demais conhecimentos. Quando pequenos, dos 6 aos 9 anos, nas séries iniciais do ensino fundamental, os brinquedos cantados, as danças, os contos e outras manifestações tradicionais podem introduzir todo o universo que exploram as diversas linguagens artísticas.

Na cidade do Porto, assim como em Fortaleza, a escola anda ausente dos festejos populares. Nestes períodos de maior grandeza das festas, as escolas fecham para férias e sob esta justificativa não participam dos festejos populares das cidades.

A maior festa popular, coincidentemente, em ambas as cidades, Fortaleza e Porto, é o São João, e conta com o desprezo da escola em ambos os lugares. Em todos os dois casos as férias são a justificativa para tal menosprezo.

É certo que se se administra a escola e a fábrica da mesma maneira, então é muito dispendioso pensar numa escola aberta à participação na festa de São João, na vida de seu povo, das comunidades onde está inserida.

É mesmo na contramão da escola que estamos a caminhar, é uma aprendizagem significativa que queremos. Pretendemos somente que os contos locais, os ícones de cada povo, suas festas, suas manifestações e a expressão

mais peculiar recebam merecido destaque na formação em arte. Preocupados com as séries iniciais do ensino fundamental e o ensino de artes propomos que partamos das histórias locais e demais manifestações comunitárias como ponto de inicial para um conhecimento das artes e de suas expressões por nossas crianças nos primeiros anos do ensino básico.

Então cabe-nos questionar sobre qual contribuição traria uma maior participação da escola nos festejos da cidade? Ou seja, como a escola deve se articular a estes momentos comunitários, sendo ela, como é, responsável pelo resguardo do patrimônio cultural de diferentes povos?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAS, Frans (2004). *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar.

COELHO, Adolfo (1993). *Festas, Costumes e outros Materiais para uma Etnologia de Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

FERRAROTTI, Franco (2013). *Sobre a Ciência da Incerteza*. Portugal: Edições Pelago Ltda.

HALL, Stuart (2011). *A identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

ORTIZ, Renato (2000). *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense.

Pacheco, Helder (1979). *Artes e Tradições de Barcelos*. Lisboa: Edições Terra Livre.

PACHECO, Helder (1985). *Portugal Patrimônio Cultural Popular. O ambiente dos Homens*. Porto: Areal Editores.

SILVA, Tomaz Tadeu (2012). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Stuart Hall, Kathyn Woodward. 12. Ed.- Petrópolis: Vozes.